

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

6

6ª Edição

Juros em queda no Brasil,
cautela nos Estados Unidos e os desafios
do segundo semestre de 2026

18 DE JUNHO DE 2026



Essa **Resenha Econômica** contém uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros).

O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado sobre os principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 12-junho-26 - publicado em 15-junho-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	5,11%	5,30%	0,19%	↑
2027	4,03%	4,10%	0,07%	↑
2028	3,65%	3,68%	0,03%	↑
2029	3,50%	3,50%	0,00%	▬

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,91%	1,96%	0,05%	↑
2027	1,70%	1,70%	0,00%	▬
2028	2,00%	2,00%	0,00%	▬
2029	2,00%	2,00%	0,00%	▬



BANCO CENTRAL DO BRASIL

Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

SELIC no final do ano

2026	13,50%	13,75%	0,25%	↑
2027	11,50%	12,00%	0,50%	↑
2028	10,00%	10,25%	0,25%	↑
2029	10,00%	10,00%	0,00%	▬

DATAS DAS REUNIÕES BANCO CENTRAL EM 2026



BRASIL

COPOM

1	276^a	27 e 28 de janeiro
2	277^a	17 e 18 de março
3	278^a	28 e 29 de abril
4	279^a	16 e 17 de junho
5	280^a	4 e 5 de agosto
6	281^a	15 e 16 de setembro
7	282^a	3 e 4 de novembro
8	283^a	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

Jornal VALOR 18-jun

Política monetária Na estreia de Kevin Warsh, mercado passa a prever aperto financeiro no ano

Fed mantém juro e BC corta Selic apesar de projeções altas de inflação

De Brasília e São Paulo

O Federal Reserve (Fed, o banco central americano) manteve as taxas de juros dos Estados Unidos inalteradas na faixa de 3,50% a 3,75%. Embora esse resultado já

fosse esperado, o tom duro adotado pelo colegiado — pela primeira vez sob a liderança de Kevin Warsh — surpreendeu. Como consequência, boa parte do mercado passou a prever a elevação das taxas a partir de setembro.



Kevin Warsh chega ao Fed com proposta de reformular comunicação

No Brasil, o Comitê de Política Monetária (Copom) confirmou as expectativas e cortou a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, para 14,25% ao ano. Porém, o aumento das projeções de inflação e o tom do comunicado

despertaram dúvidas no mercado sobre os próximos passos da autoridade monetária.

No documento, o Banco Central deixou em aberto a possibilidade de um novo corte, mas também sinalizou que, mais adiante, a Selic



Gabriel Galvão comanda flexibilização monetária apesar de incertezas

ficará em um patamar mais alto do que se supunha, para garantir que a inflação caia para a meta até o primeiro trimestre de 2028.

A citação a essa data, posterior ao chamado “horizonte relevante”, intervalo que a autoridade

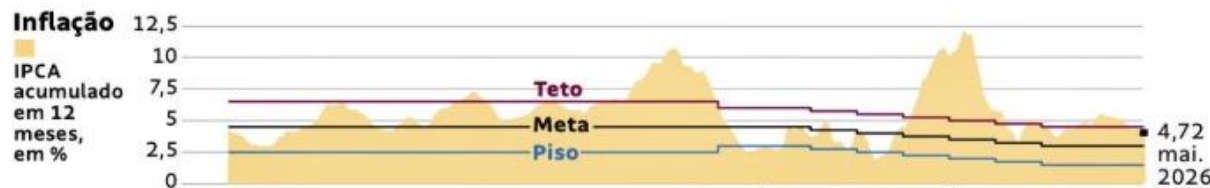
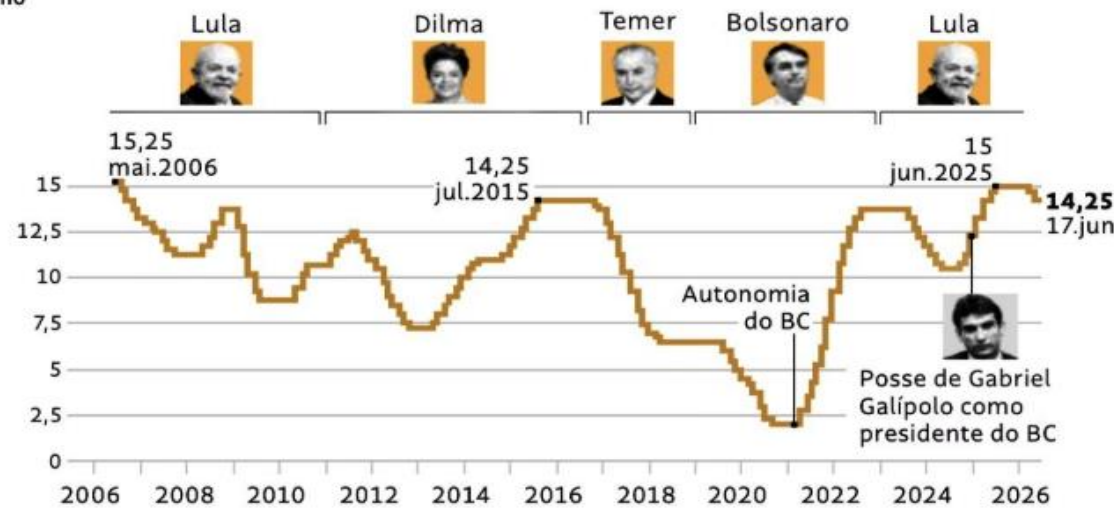
usa como parâmetro para as suas decisões e que indica o tempo necessário para a política monetária ter efeito, gerou ruídos entre economistas ouvidos pelo Valor.

JUROS NO BRASIL E NOS EUA



Evolução da taxa básica de juros

Em % ao ano



Quando a expectativa é de inflação em queda, com perspectiva de encerrar o ano **dentro da meta**, o BC pode reduzir os juros, o que ajuda também a estimular a economia

Quando existe expectativa de que a inflação fique **acima da meta**, o Copom (Comitê de Política Monetária) pode subir os juros com o objetivo de reduzir o estímulo à atividade econômica, o que diminui o consumo e equilibra os preços

Fontes: Banco Central, Bloomberg e IBGE

Jornal FOLHA 18-jun

BC reduz os juros para 14,25% ao ano e mantém indefinição sobre futuro

Copom alerta para risco fiscal e mostra incômodo com piora adicional nas expectativas de inflação no comunicado da decisão em que cortou a Selic pela 3ª vez seguida em 0,25 ponto

Nathalia Garcia

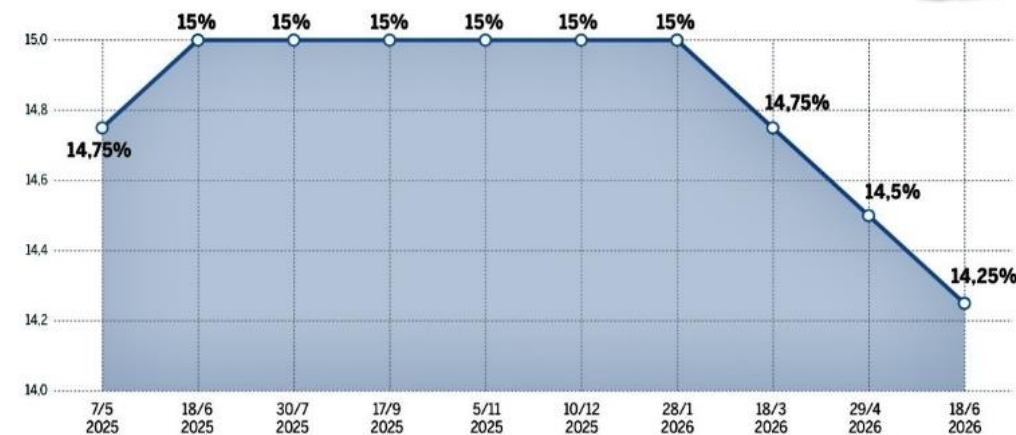
BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) reduziu nesta quarta (17) a taxa básica de juros (Selic) em 0,25 ponto percentual pela terceira vez seguida, de 14,5% para 14,25% ao ano. O colegiado fez alertas sobre o risco fiscal no país, em meio a um cenário mais desafiador para inflação.

A decisão do Banco Central foi tomada de forma unânime pelo presidente Gabriel Galípolo e por mais seis diretores do colegiado, que está com dois desfalques. Das 8 reuniões do ano, 4 foram realizadas com quórum reduzido.

No comunicado, o comitê manteve a indefinição sobre os próximos passos ao afirmar que a magnitude total do ciclo de queda de juros “será estabelecida à luz de novas informações visando assegurar a convergência da inflação à meta.”

No entanto, demonstrou ter preferência por uma condução mais suave dos juros ao olhar de forma antecipada para o cenário do primeiro trimestre de 2028, deixando espaço para um novo

Trajetória da Selic



FONTES: BC, IBGE E BLOOMBERG

O QUE INFLUENCIA NA DECISÃO

IPCA de maio
4,72% em 12 meses

Meta do BC
3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo

Petróleo Barril do Brent:
US\$ 79,55 ontem, alta de 0,75%

Jornal GLOBO 18-jun

SUPERQUARTA

COPOM REDUZ TAXA DE JUROS A 14,25%

BC não aponta próximos passos, e analistas já esperam pausa em cortes

THAÍS BARCELLOS

E PAULO RENATO NEPOMUCENO

economia@oglobo.com.br

BRASÍLIA E RIO

O Banco Central (BC) reduziu ontem a Taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,50% para 14,25% ao ano, em decisão unânime. O movimento era esperado pela maioria do mercado financeiro e representou o terceiro corte consecutivo dessa magnitude no ciclo de alívio dos juros iniciado em março, quando a Selic estava em 15%. Com a queda, a taxa se iguala ao nível de maio de 2025.

A autoridade monetária, no entanto, deixou os próximos passos em aberto, apontando maior preocupação com a inflação diante de uma atividade econômica que voltou a se fortalecer e das incertezas em relação à guerra no Oriente Médio e a eventos climáticos.

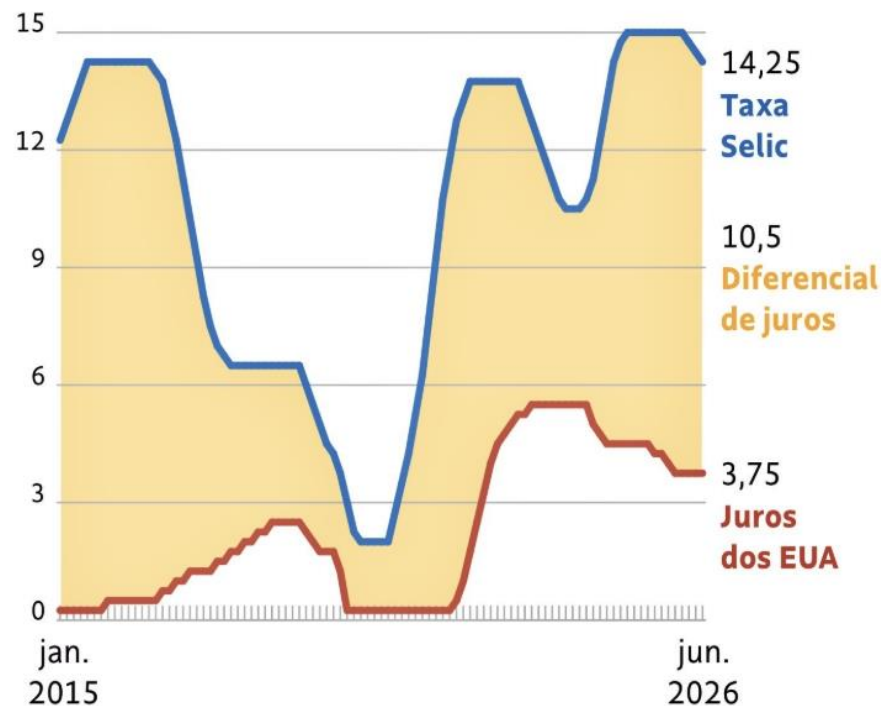
Na estreia de Warsh, Fed mantém juros, mas retira previsão de queda

Mais da metade das autoridades do banco agora espera alta de 0,25 ponto percentual neste ano; mercado tem reação negativa, dólar vai a R\$ 5,109 e Bolsas recuam

Diferença entre os juros de Brasil e EUA

Em pontos percentuais

Jornal FOLHA 18-jun



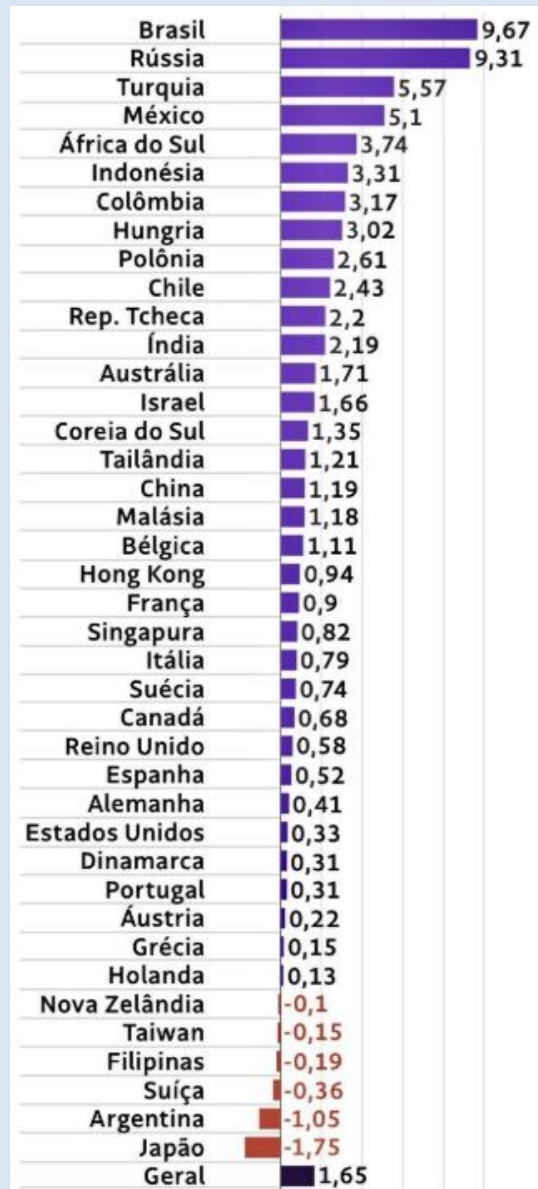
Fonte: Banco Central do Brasil e Federal Reserve

Tamara Nassif

SÃO PAULO O Fed (Federal Reserve, o BC dos EUA) manteve nesta quarta (17) a taxa de juros entre 3,5% e 3,75%, na primeira reunião presidida por Kevin Warsh, que substituiu Jerome Powell no comando da autarquia em maio.

Apesar da manutenção das taxas, 9 entre os 19 membros do Fomc (Comitê Federal de Mercado Aberto) agora preveem pelo menos uma alta de 0,25 ponto percentual na taxa neste ano —desses, 6 esperam ao menos duas elevações. Nenhum deles compartilhava dessa opinião há três meses, quando o banco central dos EUA publicou suas projeções anteriores.

JUROS NO MUNDO



Brasil é o país com maior juro real

Taxa de juros acima da inflação, em %

Jornal FOLHA 18-jun

COPOM REDUZ A SELIC PARA 14,25% O QUE MUDA PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

O Banco Central reduziu a taxa Selic de 14,50% para 14,25% ao ano, promovendo o terceiro corte consecutivo de 0,25 ponto percentual. A decisão foi unânime e amplamente esperada pelo mercado.

Apesar da redução, o comunicado do Copom manteve um tom cauteloso, destacando que a inflação continua acima da meta e que os riscos fiscais ainda exigem atenção. Dessa forma, o Banco Central evitou sinalizar claramente os próximos passos, deixando em aberto a possibilidade de desacelerar ou até interromper o ritmo de cortes nas próximas reuniões.

COPOM REDUZ A SELIC PARA 14,25% PRINCIPAIS IMPACTOS DESSA QUEDA

1. Crédito tende a ficar mais barato

A redução dos juros básicos diminuiu gradualmente o custo de captação dos bancos, favorecendo linhas de crédito para empresas e consumidores. Embora o efeito não seja imediato, a tendência é de redução das taxas de financiamento ao longo dos próximos meses.

2. Estímulo ao consumo e à atividade econômica

Juros menores incentivam o consumo das famílias e a realização de investimentos produtivos pelas empresas. Setores mais dependentes de crédito, como construção civil, varejo, automóveis e bens duráveis, costumam ser os primeiros beneficiados.

3. Melhora do ambiente para investimentos corporativos

Projetos de expansão, modernização e infraestrutura tornam-se mais viáveis economicamente quando o custo financeiro diminui. Para empresas com elevado endividamento, há ainda redução das despesas financeiras e melhora dos resultados.

COPOM REDUZ A SELIC PARA 14,25% PRINCIPAIS IMPACTOS DESSA QUEDA

4. Alívio para as contas públicas

A dívida pública brasileira possui elevada sensibilidade aos juros. Cada redução da Selic contribui para diminuir o custo futuro de financiamento do governo, embora esse efeito ocorra de forma gradual.

5. Mercado imobiliário ganha impulso

A queda dos juros favorece financiamentos imobiliários e aumenta a atratividade dos investimentos em imóveis, criando condições mais favoráveis para lançamentos e vendas no setor da construção.

FED MANTÉM JUROS NOS EUA: POR QUE ISSO IMPORTA PARA O BRASIL?

Enquanto o Banco Central brasileiro iniciou um ciclo de flexibilização monetária, o Federal Reserve (Fed) manteve os juros americanos entre 3,50% e 3,75% ao ano.

Mais importante que a manutenção da taxa foi a mudança de expectativa do mercado: diversos membros do Fed passaram a prever novas altas de juros nos Estados Unidos ainda este ano, diante das preocupações com a inflação americana.

JUROS FED: IMPACTOS NA ECONOMIA BRASILEIRA



FED MANTÉM JUROS NOS EUA: IMPACTOS PARA ECONOMIA BRASILEIRA

1. Menor espaço para cortes agressivos da Selic

Quando os juros americanos permanecem elevados, o Banco Central do Brasil precisa agir com maior cautela. Reduções muito rápidas da Selic podem diminuir a atratividade dos ativos brasileiros para investidores internacionais.

2. Pressão potencial sobre o câmbio

Juros altos nos EUA tornam os títulos do Tesouro americano mais atraentes. Isso pode estimular a migração de recursos para o mercado americano, fortalecendo o dólar globalmente e gerando pressão de alta sobre o câmbio no Brasil.

3. Impacto sobre a inflação

Um dólar mais forte tende a encarecer produtos importados, combustíveis, equipamentos e insumos industriais. Como consequência, a inflação pode voltar a subir, reduzindo o espaço para novos cortes da Selic.

4. Maior volatilidade nos mercados financeiros

A perspectiva de juros elevados nos EUA aumenta a sensibilidade dos mercados globais a notícias econômicas e geopolíticas. Países emergentes, como o Brasil, costumam sofrer maior oscilação de fluxos de capitais nesses períodos.

CONTINUIDADE NA QUEDA DE JUROS NO BRASIL



LEITURA ESTRATÉGICA PARA O SEGUNDO SEMESTRE DE 2026

O cenário atual combina dois movimentos aparentemente contraditórios:

- ✓ **Brasil iniciando um ciclo de redução dos juros**, buscando estimular a atividade econômica;
- ✓ **Estados Unidos mantendo uma política monetária restritiva**, limitando o espaço para cortes mais profundos da Selic.

Assim, o cenário-base para os próximos meses é de **continuidade da queda dos juros no Brasil, porém de forma gradual e dependente da evolução da inflação, do quadro fiscal e das decisões do Federal Reserve.**

Para empresas e investidores, o ambiente permanece favorável para planejamento de investimentos de longo prazo, mas exige atenção aos riscos externos, especialmente à trajetória dos juros americanos, ao comportamento do dólar e às expectativas de inflação.

CONSIDERAÇÃO FINAL SOBRE TAXA DE JUROS NO BRASIL E USA

"O Brasil iniciou um ciclo de redução dos juros, mas o processo deverá ser gradual. A combinação entre inflação ainda resistente, desafios fiscais internos e juros elevados nos Estados Unidos limita a velocidade da queda da Selic, mantendo a necessidade de cautela nas decisões de investimento e financiamento."

Ailton Leite

PACOTES ECONÔMICOS



O PREÇO DO SOCORRO

Os pacotes de estímulo à economia anunciados pelo governo em 2026 (valores em bilhões de reais)

ISENÇÃO DO IR PARA ATÉ 5000 REAIS	33,5
+	
CRÉDITO PARA MOTORISTAS DE APLICATIVO	30
+	
CRÉDITO CONSIGNADO PARA TRABALHADORES CLT	28
+	
PROGRAMA DE RENEGOCIAÇÃO DE DÍVIDAS (DESENROLA)	22
+	
CRÉDITO PARA EMPRESAS PREJUDICADAS PELA GUERRA (BRASIL SOBERANO)	21
+	
CRÉDITO PARA COMPRA DE CAMINHÕES E ÔNIBUS (MOVE BRASIL)	20,5
+	

Revista VEJA 05-jun

AMPLIAÇÃO DO CRÉDITO IMOBILIÁRIO	10
+	
CRÉDITO PARA REFORMAS RESIDENCIAIS (REFORMA BRASIL)	9,5
+	
AMPLIAÇÃO DO MINHA CASA, MINHA VIDA	8
+	
SUBSÍDIO À CONTA DE LUZ DA BAIXA RENDA (LUZ DO POVO)	4,5
+	
VALE-GÁS PARA FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA (GÁS DO POVO)	1,7

Fonte: XP

TOTAL

188,7

IPCA é o maior para maio desde 2021. Inflação em 12 meses supera teto da meta

Alimentação no domicílio registra patamar mais alto para o mês em 18 anos. Analistas veem deterioração no cenário com El Niño e menor espaço para corte de juros ao longo de 2026

MAYRA CASTRO
mayra.castro@globo.com.br

A inflação medida pelo IPCA, índice oficial, chegou a 0,58% em maio e superou as projeções de analistas, que previam variação de 0,53%. O resultado representa uma desaceleração em relação a abril, quando registrou alta de 0,67%, mas é o maior patamar para um mês de maio desde 2021, quando a taxa foi de 0,83%.

No acumulado em 12 meses, o IPCA chegou a 4,72%, ultrapassando, pela primeira vez desde outubro do ano passado, o teto da meta definida pelo Banco Central (BC), de 3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

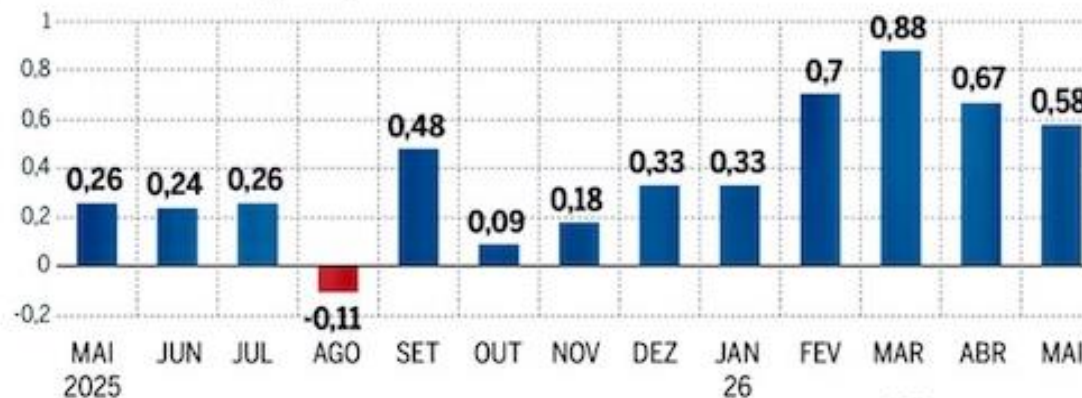
O grupo alimentação avançou 1,33% e respondeu por metade do resultado da inflação do mês passado. Os alimentos vêm mostrando altas sucessivas diante de condições climáticas desfavoráveis somadas aos impactos indiretos da guerra no Oriente Médio, que reduziu a oferta mundial de petróleo e encareceu o preço de combustíveis e fretes.

A evolução do índice de preços

Jornal GLOBO 13-jun

NOS ÚLTIMOS 12 MESES

(Variação mensal em %)



INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES

(Variação mensal da alimentação no domicílio em %)



FONTE: IBGE - ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO

Inflação é a maior para maio em 5 anos e ultrapassa teto da meta em 12 meses

IPCA avança 0,58%, acima das previsões, sob impulso dos alimentos, que ficam 1,33% mais caros; dado põe mais pressão no Copom,

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A inflação desacelerou para 0,58% em maio, após marcar 0,67% em abril, apontam dados do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) divulgados nesta sexta (12) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mesmo com a trégua ante o mês anterior, a taxa de 0,58% é a maior para maio em cinco anos, desde 2021 (0,83%). Houve pressão da carestia de parte dos alimentos e da energia elétrica.

A variação de 0,58% também ficou acima da mediana das previsões do mercado financeiro, que era de 0,53%, conforme a agência Bloomberg.

Com os novos dados, o IPCA acelerou para 4,72% no acumulado de 12 meses até maio, depois de marcar 4,39% até abril.

Assim, o índice ultrapassou o teto de 4,5% da meta de inflação perseguida pelo BC (Banco Central). Isso não ocorria desde outubro do ano passado.

Jornal FOLHA 13-jun

IPCA no acumulado de 12 meses

Varição em %



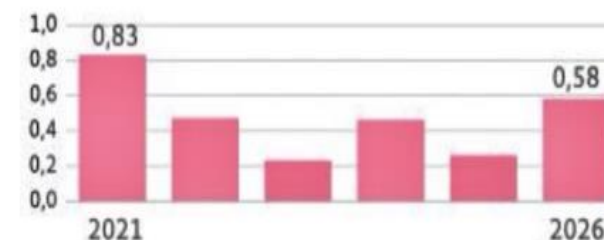
IPCA mensal

Varição em %



IPCA de maio nos últimos anos

Em %



Fonte: IBGE

44,69%

foi a alta da batata-inglesa em maio, segundo o IBGE

16,8%

foi o aumento da cebola no mês passado pelo IPCA

20,62%

foi quanto subiu o tomate no mês passado

3,67%

foi o aumento na energia elétrica

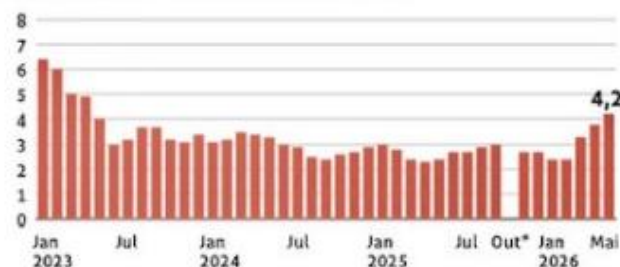
Jornal FOLHA 11-jun

Inflação vai a 4,2% em 12 meses nos EUA sob pressão de combustíveis

Dados reforçam expectativa de que juros não caiam no país até 2027; Bolsas fecham o dia com desvalorização

Inflação nos EUA em 12 meses supera 4%

Índice de preços ao consumidor em 12 meses, em %



*Dado indisponível

Fonte: Bureau of Labor Statistics

WASHINGTON E SÃO PAULO A inflação ao consumidor nos EUA registrou em maio o maior nível em três anos à medida que o conflito no Oriente Médio elevou os custos da gasolina e de outros produtos de energia, dando mais motivos para que o Fed (Federal Reserve, o banco central americano) deixe a taxa de juros inalterada até 2027.

O índice de preços ao consumidor subiu 4,2% nos 12 meses até maio, maior alta desde abril de 2023, informou o Departamento de Estatísticas do Trabalho do Ministério do Trabalho nesta quarta-feira (10). Em abril, o índice havia avançado 3,8% na base anual.

Frase do dia

Jornal VALOR 11-jun

"Adorei. Os números foram ótimos. Sabe de uma coisa? Eu realmente adoro a inflação".

De Donald Trump, presidente dos EUA, ao comentar a inflação americana de 4,2% em maio, maior taxa anual em três anos

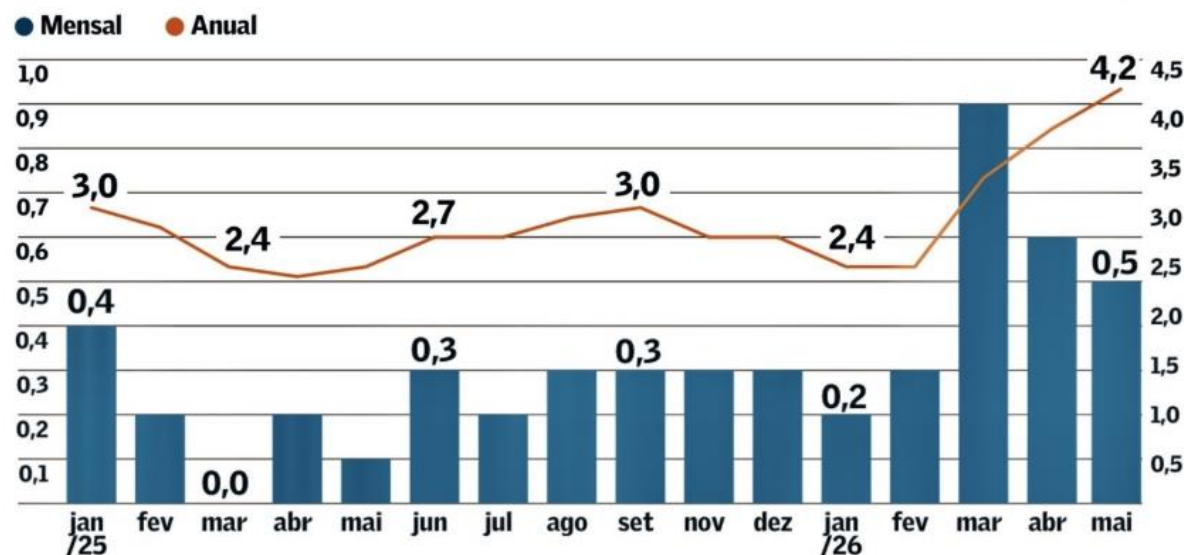
INFLAÇÃO NOS EUA



Guerra eleva preços para americanos

Variações do CPI (em %)

Jornal VALOR 11-jun



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics. Elaboração: Valor Data. Obs.: out/25 - Shutdown

Inflação nos EUA atinge maior nível em 3 anos

Associated Press

A alta dos preços da gasolina em maio empurrou a inflação nos Estados Unidos para o nível mais alto em três anos, o que pode se tornar uma dor de cabeça ainda maior para o presidente Donald Trump com a aproximação das eleições para o Congresso em novembro.

O índice de preços ao consumidor acelerou para 4,2%, informou o Departamento do Trabalho ontem. É mais do que os 3,8% de abril e o terceiro mês consecutivo de aumento. Na comparação mês a mês, os preços subiram 0,5% em maio, depois das fortes altas de 0,6% em abril e 0,9% em março.

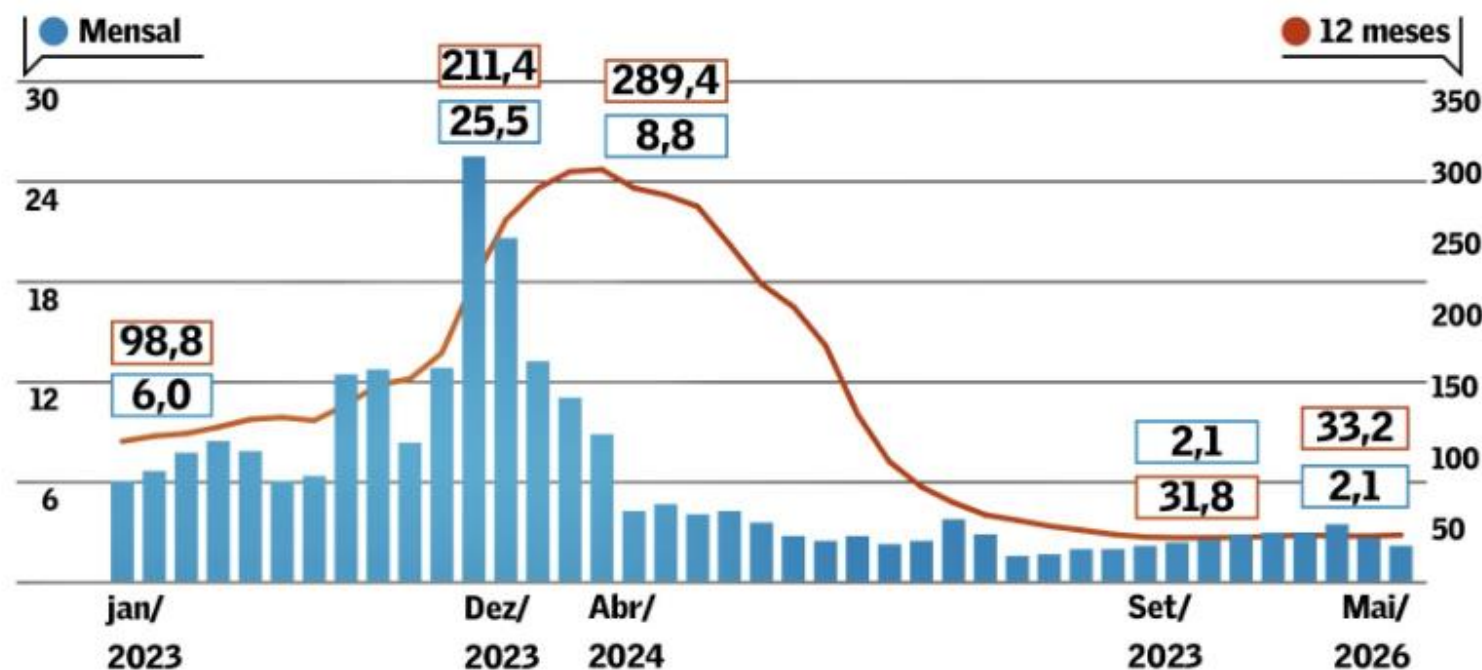
Já faz vários meses que os preços sobem mais rápido do que os salários, o que pressiona as finanças de muitos americanos e faz com que eles tenham uma visão pessimista sobre a economia e o governo.

A inflação vinha diminuindo antes de Trump impor tarifas de abrangentes em abril de 2025, que elevaram os custos de muitos produtos. Desde então, os preços dispararam, e mais ainda com a guerra contra o Irã, que encareceu o petróleo e a gasolina e fez do custo de vida uma questão política crucial.

Inflação na Argentina cai para menor nível em 9 meses

Preços na Argentina caem em maio

Variações em %



Fonte: Indec. Elaboração: Valor Data

Jornal VALOR 12-jun

Luiza Palermo

De São Paulo

A inflação na Argentina desacelerou para o menor nível desde setembro do ano passado, representando um sinal positivo para o governo do presidente Javier Milei, após a aceleração registrada em março em decorrência do choque nos preços da energia relacionado à guerra no Irã.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) ficou em 2,1% em maio na comparação com abril, quando o resultado foi de 2,6%, a primeira desaceleração em dez meses, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec).

Com o resultado, os preços ao consumidor acumulam uma alta de 14,7% nos cinco primeiros meses do ano, superando a previsão do Ministério da Economia para todo o ano, que era de 10,1%. Em 12 meses, a inflação alcançou 33,2% em maio, ante 32,4% em abril.

Puxado por alimentos e energia, IPCA fura teto da meta em 12 meses

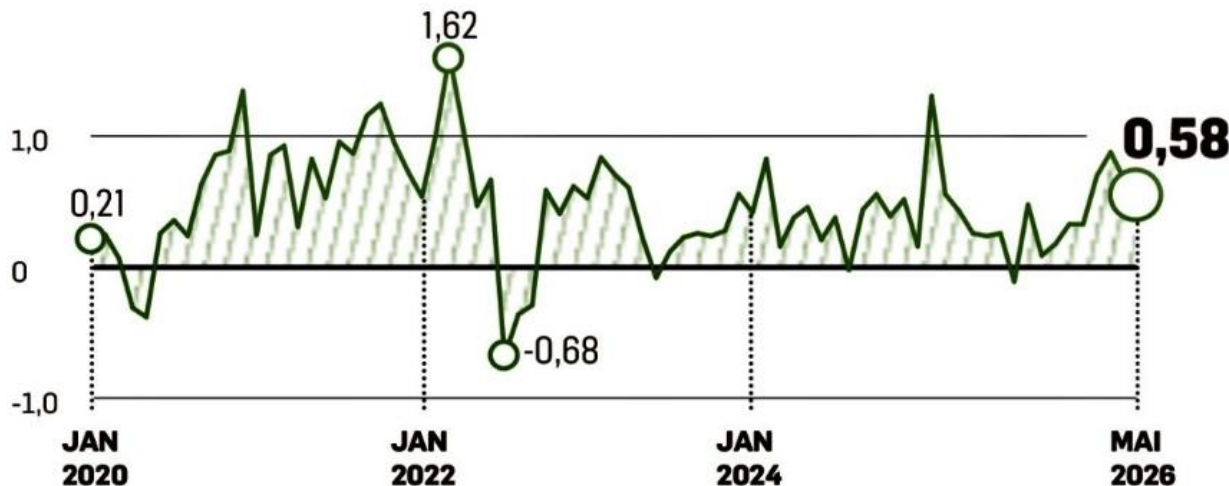
— Inflação em maio foi de 0,58%, maior patamar para o mês desde 2021, elevando a taxa anualizada para 4,72%;

Jornal ESTADÃO 13-jun

CARESTIA

Alimentos pressionam IPCA em maio

EM PORCENTAGEM



FONTE: IBGE/ INFOGRÁFICO: ESTADÃO

DANIELA AMORIM

RIO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechou maio em alta de 0,58%, após chegar a 0,67% em abril. Apesar da desaceleração, foi o maior patamar para o mês desde 2021 (0,83%), além de ter superado a previsão feita por analistas de mercado (0,53%). A inflação voltou a ser puxada, principalmente, pelo preço dos alimentos, além de gastos com energia elétrica e saúde.

Com o resultado, a taxa acumulada em 12 meses acelerou pelo terceiro mês consecutivo, passando de 4,39%, até abril, para 4,72%, se distanciando ainda mais do centro da meta de inflação (3%) e ultrapassando o teto de 4,5%.

Os pontos acertados por EUA e Irã

Resumo dos 14 artigos do acordo preliminar

Ponto	Tema	Resumo
1	Cessar-fogo, incluindo o Líbano	EUA e Irã concordam com fim imediato e permanente da guerra em todas as frentes, incluindo a do Líbano
2	Soberania	Reconhecimento mútuo de soberania e compromisso de não interferência em assuntos internos
3	Negociação	Busca de acordo final em até 60 dias, prorrogável por entendimento mútuo
4	Bloqueio naval	Fim do bloqueio americano no Golfo
5	Ormuz	Navegação normalizada no estreito, sem menção a cobrança de pedágio
6	Reconstrução	Formação de um fundo de US\$ 300 bi, cujo mecanismo será definido em 60 dias
7	Sanções	Suspensão das sanções, com base em verificações da ONU e da AIEA
8	Nuclear	Irã reitera que não terá armas nucleares; destino do urânio enriquecido do Irã será definido no acordo final
9	Status quo	Enquanto não houver acordo definitivo, Irã manterá a situação atual do programa nuclear e os EUA não reforçarão tropas na região
10	Petróleo	Liberação das exportações iranianas
11	Ativos	Descongelamento de fundos iranianos
12	Fiscalização	Mecanismo de implementação e monitoramento dos pontos 4, 5, 10 e 11 do Memorando de Entendimento
13	Etapas	Negociação após medidas iniciais
14	ONU	Aprovação do acordo pelo Conselho de Segurança da ONU

Fonte: Texto do Memorando de Entendimento

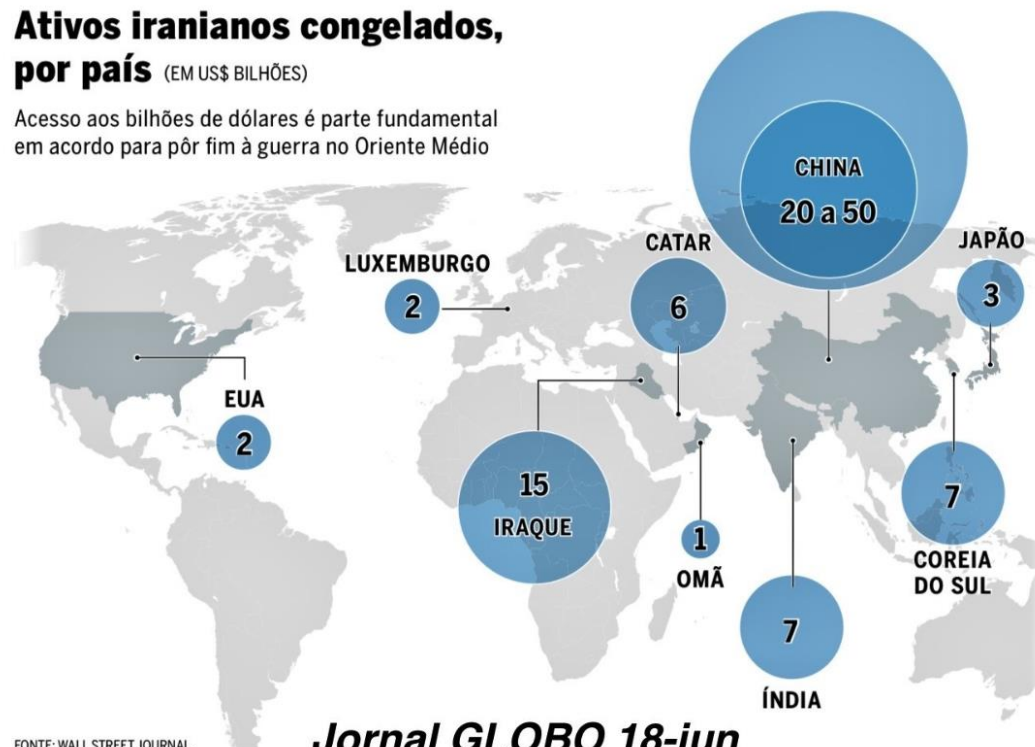
Jornal VALOR
18-jun

Guerra Para presidente, que tinha cancelado o acordo firmado por Obama, pacto de agora garante que Teerã não terá armas nucleares

EUA e Irã se antecipam e assinam acordo, após vazamento de texto

Ativos iranianos congelados, por país (EM US\$ BILHÕES)

Acesso aos bilhões de dólares é parte fundamental em acordo para pôr fim à guerra no Oriente Médio



Fonte: WALL STREET JOURNAL

Jornal GLOBO 18-jun

NOVO TARIFAÇO



Relações externas Mesmo com avaliação mais modesta do governo, com impacto sobre 21% das vendas, perda é grande para setores afetados

Novo tarifaço pode atingir 45% das exportações aos EUA

Alvo de Trump

Jornal VALOR 03-jun

Principais críticas do governo brasileiro ao Brasil

Setor	Reclamação americana
Redes sociais	Suspensão de perfis, multas ou suspensão de operação das empresas
Pix	Brasil "desfavorece" empresas americanas no mercado de pagamento eletrônico
Tarifas preferenciais	Acordos comerciais preferenciais com México e Índia prejudicam as exportações americanas
Corrupção	As ações, políticas e práticas contra corrupção estão abaixo das normais globais e permitem que as empresas atuem no Brasil com impunidade, prejudicando as rivais americanas
Propriedade intelectual	Aumento da falsificação de produtos e da entrada de pequenas encomendas, além da disseminação da pirataria on-line
Etanol	Ações como aumento de tarifas prejudicaram o acesso do produto americano
Desmatamento	Milho, soja, carne bovina e madeira brasileiros ganharam com o desmate, prejudicando a concorrência americana

Fonte: governo americano

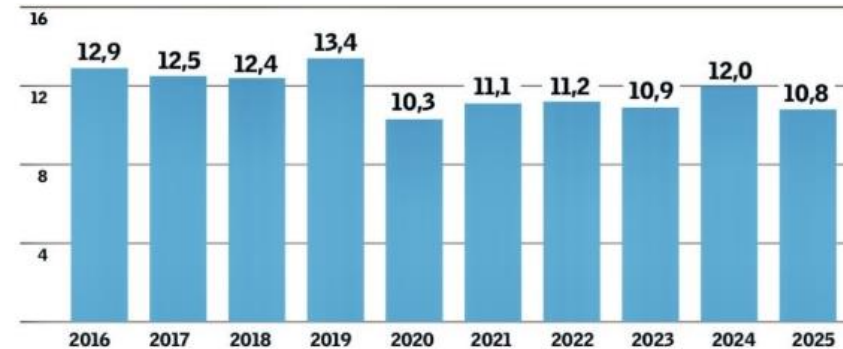
Fonte: governo americano

Jornal VALOR 03-jun

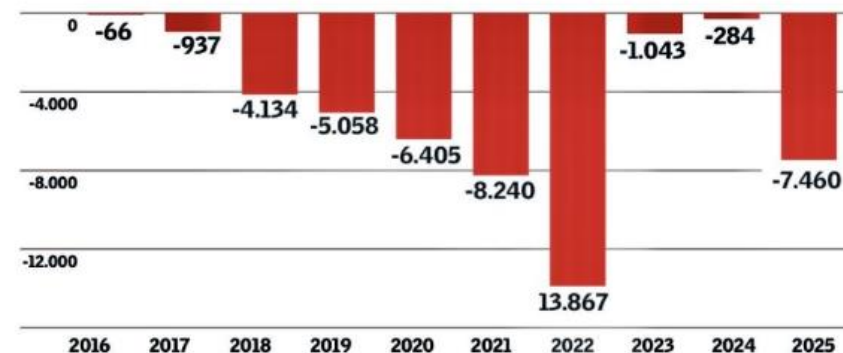
Perfil do comércio Brasil-EUA

Após tarifaço, americanos aceleram ganho no comércio com Brasil

Participação dos EUA na exportação brasileira - %



Déficit do Brasil no comércio com os EUA - US\$ milhões



Fonte: governo americano

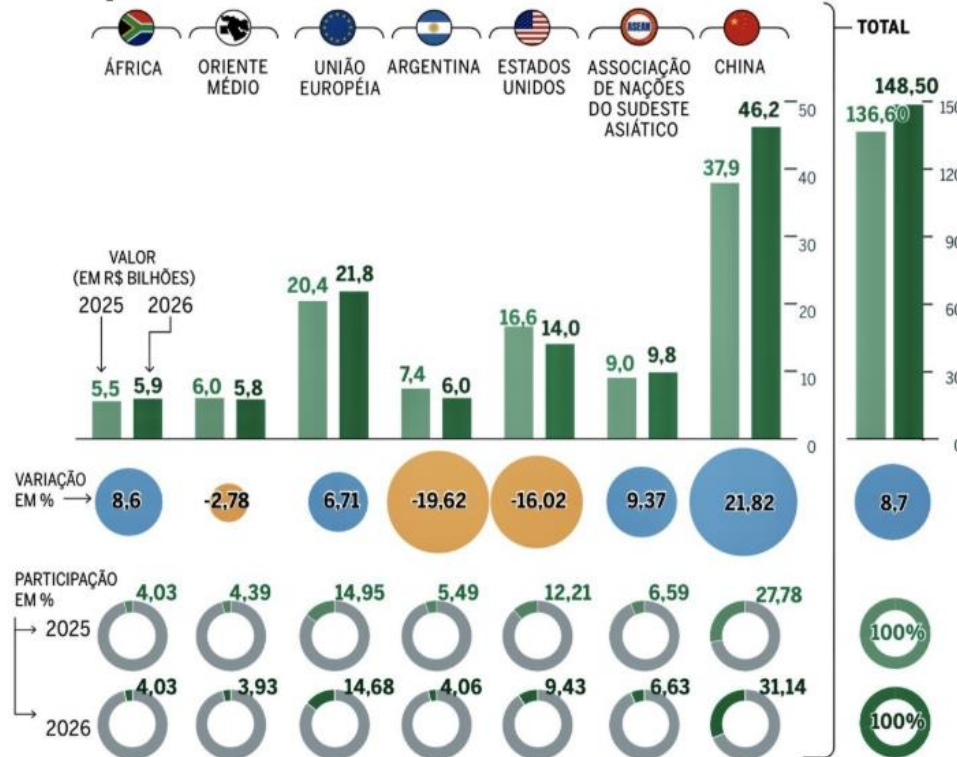
CRISE COMERCIAL E POLÍTICA

Exportações para os EUA caem 16% no ano

Volume total voltado ao exterior, por outro lado, aumentou 8,7%, puxado por crescimento de 21,8% para a China. Dados do Mdic apontam quedas mensais nas vendas para o mercado americano desde agosto do ano passado

Jornal GLOBO 04-jun

Principais destinos das vendas externas brasileiras



BERNARDO LIMA
bernardo.lima@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

As exportações do Brasil para os Estados Unidos caíram 16% entre janeiro e maio deste ano na comparação com os primeiros cinco meses de 2025, segundo dados divulgados ontem pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). As vendas totais para o exterior, por outro lado, aumentaram 8,7% no ano até o mês passado.

No período, as exportações brasileiras para os EUA totalizaram US\$ 14 bilhões, mas as importações também caíram (12,6%) chegando a US\$ 15,5 bilhões. Resultado: o Brasil foi deficitário nessa relação em US\$ 1,5 bilhão.

A queda acontece em meio a uma busca de diversificação de parceiros comerciais pelo Brasil, desde que os Estados Unidos impuseram tarifas de até 50% sobre produtos brasileiros no ano passado.

EXPORTAÇÕES



CRISE COMERCIAL E POLÍTICA

Exportações para os EUA caem 16% no ano

Volume total voltado ao exterior, por outro lado, aumentou 8,7%, puxado por crescimento de 21,8% para a China. Dados do Mdic apontam quedas mensais nas vendas para o mercado americano desde agosto do ano passado

Impacto regional

Estados dos Sul e Nordeste podem ser os mais afetados

Jornal VALOR 03-jun

Unidades da federação	Produtos afetados pelo tarifaço, em US\$ milhões*	Fatias dos produtos afetados nas exportação aos EUA*, em %
Alagoas	78	98,72
Roraima	780	88,97
Paraná	1,403	88,42
Ceará	579	87,81
Pernambuco	170	82,63
Rio Grande do Sul	1,525	82,55
Santa Catarina	1,431	82,01
Rio Grande do Norte	55	81,55
Distrito Federal	6	76,47
Paraíba	25	70,99
Amapá	11	66,47
Piauí	25	59,63
Amazonas	54	54,13
Pará	435	52,13
Espírito Santo	1,438	46,87
São Paulo	5,832	42,97
Minas Gerais	1,947	42,13
Bahia	349	39,61
Rondônia	44	35,62
Goiás	144	35,29
Mato Grosso do Sul	215	32,13
Rio de Janeiro	2,336	31,51
Mato Grosso	117	28,29
Tocantins	21	28,18
Maranhão	199	26,56
Acre	1	25,37
Sergipe	0	0,28

Fontes: governo americano e Mdic. *Com base em número de SH6 envolvidos

Prejuízo dos Correios quase dobra e vai a R\$ 3,1 bi

Resultado do 1º trimestre deste ano mostra deterioração em relação à perda de R\$ 1,7 bi no mesmo período de 2025, com queda nas receitas e forte aumento das despesas. Estatal diz que segue executando plano de reestruturação

BRUNA LESSA
bruna.lessa@bso.globo.com.br
BRASILIA

Os Correios registraram prejuízo de R\$ 3,1 bilhões no primeiro trimestre deste ano, segundo demonstrações financeiras aprovadas pelo Conselho de Administração da empresa e divulgadas ontem. O resultado significa que a estatal gastou mais do que arrecadou nos três primeiros meses do ano, e o rombo é significativamente maior do que o registrado no mesmo período de 2025, quando a empresa teve perdas de R\$ 1,7 bilhão. Na prática, o prejuízo quase dobrou em um ano.

Os números mostram que os Correios continuam enfrentando dificuldades para equilibrar suas contas. A receita obtida com a venda de serviços caiu de R\$ 3,94 bilhões para R\$ 3,85 bilhões, enquanto despesas administrativas e financeiras cresceram de forma expressiva, passando de R\$ 1,2 bilhão para R\$ 2,2 bilhões. Só os gastos financeiros saltaram de R\$ 282 milhões para R\$ 985 milhões.

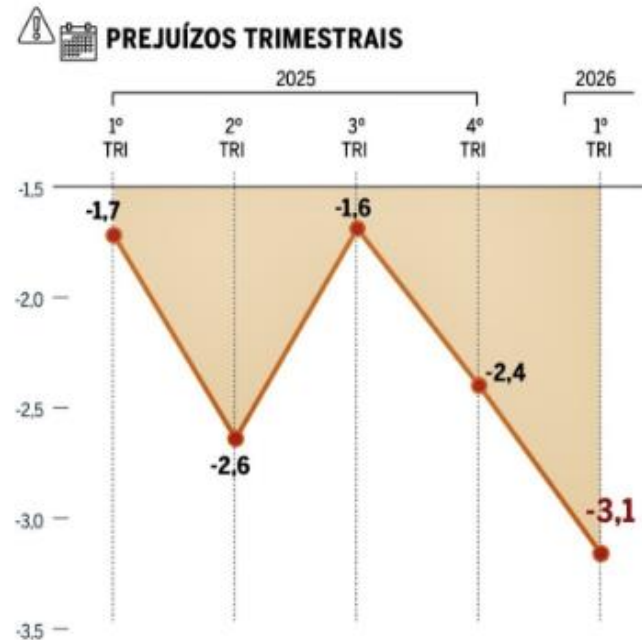
A evolução das perdas da empresa

(Em R\$ bilhões)



FONTE: CORREIOS

Jornal GLOBO 02-jun



Políticas Levantamento do FGV Agro comparou os sistemas de sete países com o modelo brasileiro

Brasil tem o seguro rural ‘mais frágil’ entre os principais produtores agrícolas

Pelo mundo

Sistemas de seguro rural nos principais produtores de alimentos

Jornal VALOR
5-jun

● Participação do Estado ● Nível de cobertura aproximado

EUA

- Subsídio médio de 60% a 65% do prêmio, resseguro público e custeio administrativo
- Cerca de 90% da área das principais culturas

México

- Forte participação estatal até 2018; quase inexistente após 2019
- Queda de mais de 50% para cerca de 16% da área agrícola

Peru

- Seguro contra catástrofe 100% financiado pelo Estado; seguro comercial com 50% a 80% de subsídio
- Ampla cobertura social, baixa cobertura comercial

Chile

- Subsídio entre 40% e 95% do prêmio, conforme o porte do produtor
- Cobertura moderada, concentrada em pequenos agricultores

Argentina

- Participação estatal mínima e pontual
- Alta para grãos, muito baixa para riscos sistêmicos

Brasil

- Modelo público-privado, Estado custeia de 20% a 40% do prêmio
- Cerca de **3,3%** da área de grãos

Espanha

- Subsídios médios entre 40% e 70% do prêmio e resseguro estatal
- Entre 60% e 90%, conforme a cadeia produtiva

Índia

- Agricultor paga 1,5% a 5% do prêmio; Estado cobre até 90%
- Aproximadamente 35% a 40% dos agricultores

Fonte: FGV Agro/ Crseg/ Conab

Nayara Figueiredo

De São Paulo

É consenso no mundo que o seguro rural é uma ferramenta fundamental para mitigar perdas causadas por extremos climáticos no campo. Mas, apesar da crescente preocupação com o tema e diante de expectativas de um El Niño forte este ano, o Brasil ainda é o país com maior fragilidade em seu sistema de seguro rural dentre os grandes produtores de commodities agrícolas, segundo um levantamento do FGV Agro (Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas).

O estudo, obtido com exclusividade pelo **Valor**, analisou os sistemas de seguro rural em sete países: Argentina, Chile, Espanha, Estados Unidos, Índia, México e Peru, e os comparou com o do Brasil. Anna Cortellini, pesquisadora do Observatório do Crédito e Seguro Rural (OCSR) do FGV Agro e uma das autoras do estudo, avalia que não há uma “receita pronta”, mas diz que o sistema brasileiro precisa melhorar.

Os laços entre países da Copa e os EUA

Rivais diplomáticos de Washington jogarão no país

Tensão máxima	Irã
Tensão alta	África do Sul, Alemanha, Brasil, Canadá, Colômbia, Rep. Dem. do Congo, Espanha, França, Haiti, Inglaterra, Iraque, México, Senegal
Tensão média	Arábia Saudita, Argélia, Austrália, Bélgica, Catar, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Egito, Escócia, Holanda, Japão, Jordânia, Noruega, Panamá, Suécia, Suíça, Tunísia, Turquia
Tensão baixa	Argentina, Áustria, Bósnia, Cabo Verde, Croácia, Curaçao, Equador, Gana, Marrocos, Nova Zelândia, Paraguai, Portugal, República Tcheca, Uruguai, Uzbequistão

Fonte: Valor

Jornal VALOR 11-jun

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB